

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º a entrega	21.º Anno — XXI Volume — N.º 705	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	36800	18900	6900	6120	30 DE JULHO DE 1898	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	46000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Um incendio horroroso reduziu, ha poucos dias, a cinzas uma fabrica de distillação no Aterro.

Um dos operarios que n'ella trabalhava e que ficou muito queimado, quando se deu a explosão da caldeira, já falleceu no hospital de S. José. Outros ainda lá estão em tratamento.

Haver trabalho é uma alegria. Quanta vez se encontra a morte onde vae procurar-se a vida!

Não correm bons os tempos para os operarios.

Uma crise gravissima ameaça a classe dos trabalhadores agricolas, pois parece que a não resolver-se favoravelmente para os lavradores a questão que estes trazem pendente com o governo, muitos d'elles, e dos mais importantes, tencionam despedir os seus serviaes, para que vão pedir trabalho ao Estado.

O problema é serio e digno de ser ponderado.

A grande entrada de farinhas e trigos exóticos, assegurando por muitos mezes as necessidades do

consumo, obsta á venda dos trigos nacionaes, que por tempo igual os lavradores terão que guardar em seus celeiros.

Na reunião que se effectuou em Santarem estiveram presentes mais de seiscentos lavradores, que protestaram contra as medidas do governo. As reclamações serão apresentadas directamente a El-rei.

Diz-se que novas reuniões hão de brevemente realisar-se em Evora e Beja, capitães de districtos importantissimos como productores de cereaes.

O capital empatado durante tantos mezes pôde produzir a crise do trabalho e ninguem ha que ignore os horrores que esses dias de folga forçada trazem ás casas pobresinhas das aldeias, onde os magrissimos salarios mal chegam para o pão de cada dia.

Parece isto absurdo. — Porque os moageiros teem trigo, porque o governo tem farinhas, pôde haver quem não tenha pão!

E' este com certeza um dos problemas mais graves que o governo tem agora a resolver.

A questão parece querer azedar-se; mas é ella de tamanha seriedade, porque d'ella depende o modestissimo sustento dos mais infelizes na repartição das riquezas, que bom seria que ninguem deixasse de ser generoso, procurando, uns com mais intelligencia outros com menos irritação, a

melhor solução do problema. Para soffrer não se carece de culpa; que basta apenas ser pobre.

Muito pouco se pensa nos que trabalham e teem direito á vida; porque o mundo, por enquanto, chega para todos.

Não vem talvez a proposito a comparação; mas do menor conclue-se para o maior, e a imprevidencia é sempre a mesma. Ella será causa um dia de talvez dolorosos tempos para grande parte da população dos nossos campos, elle o está sendo para grande numero de artistas.

Talvez não menos de cem familias vivam ou, pelo menos, ajudem a vida com a exploração do nosso primeiro theatro de declamação. Ha muito que se fala em reformas, programmas, sociedades. Chegaram varios jornaes a annunciarem a publicação do decreto de remodelação no Diario do Governo. Estamos nos fins de julho e nada é sabido ainda! Muitos actores que d'aquelle theatro teem vivido, alfaiates, carpinteiros, empregados de escriptorio, tinham, parece, algum direito de saber o que vae ser d'elles. Qualquer demora lhes pode ser prejudicial. Se a reforma não for praticavel, se houver modificações necessarias, o tempo que tudo isso levará a discutir-se, a fazer-se, obrigará a nova empresa, ou quem for, a inaugurar os espectaculos muito por outubro dentro.

Não se trata já d'uma questão d'arte. Ha muito

GUERRA HISPANO-AMERICANA



Thezouraria e Alfandega

Muralha

Passeio e monumento a Fernão de Magalhães

UMA VISTA DE MANILA

(Copia de photographia)

com ellas para onde eu estiver, que por este correio escrevo aos officiaes da Casa de Contractação das Indias, que vos vistam e vos assistam com todo o necessario a vós e ás ditas duas pessoas». (1)

Sebastião de Elcano apressou-se a ir á presença de Carlos V, que estava em Sevilha, e fez-se acompanhar de Pigafetta, o qual apresentou ao imperador um livro manuscrito, relatando dia a dia a viagem de circumnavegação.

Carlos V ficou maravilhado e encheu de honras e pensões Sebastião de Elcano, mais afortunado que Fernão de Magalhães a quem essas honras e pensões deviam pertencer. Ao piloto hespanhol concedeu Carlos V a pensão annual de 500 ducados de ouro, auctorisação para se acompanhar sempre de dois homens armados, e um braço de armas quartelado, representando scenas da viagem, e tendo por timbre um globo com a inscripção: *Primum circumdidisti me*.

Eram o braço e timbre que deviam pertencer a Fernão de Magalhães, que tão infeliz foi que nem sequer o pôde legar a seus descendentes, como era seu desejo.

O filho e esposa de Magalhães pouco sobreviveram ao grande capitão, pois que o primeiro morreu em 1521 e a segunda um anno depois; e o mesmo succedeu a Diogo Barbosa, seu sogro, e mais parentes, que poucos annos se lograram, desapparecendo assim no tumulo os poucos herdeiros do grande navegador.

A fortuna vária, não deixou pois a Magalhães gosar os fructos da sua gloriosa empresa; outro colheu os louros e os braços de tal feito; mas não é o nome d'este afortunado que a historia commemora; não é a Sebastião de Elcano que a sciencia venera e agradece os beneficios que lhe legou, e sim a Fernão de Magalhães, porque foi elle que lidou para obter os navios em que devia fazer a travessia dos mares, e com que custo o conseguiu elle! Foi Magalhães que dirigiu os mareantes e os reduziu á obediencia tantas vezes quantas contra elle tentaram revoltar-se; foi elle que affrontou a resistencia dos homens e a furia dos elementos; que, zombou das tempestades e jogou a vida quando todos e tudo conspirava contra ella, e levou avante a sua idéa, inculcando animo quando todos desfalleciam, e assim chegou ao fim circumnavegando os mares, passando de um mar ao outro, sem outro guia que os seus próprios calculos, deixando ao mundo aberta a passagem para o mar do sul, passagem que nenhum navegador antes d'elle lograra encontrar.

É de Fernão de Magalhães a gloria; foi este portuguez que deixou o nome seu memorado nos mares do novo mundo, como nas cartas geographicas está gravado; e não

bastando isto, o nome do grande portuguez elevou-se ao espaço infinito e com elle marcou nos ares duas bellas nebulosas que são conhecidas por nuvens de Magalhães.

Duradoura gloria esta que viverá tanto como o mundo. Nos mares e nos céos o nome de Fernão de Magalhães!

Diz John Herschel, em uma carta datada do Cabo da Boa Esperança, em 13 de junho de 1835: (1) «As nuvens de Magalhães, *nubecula major* e *nubecula minor*, são muito notaveis. A maior compõe-se de acervos estellares irregularmente dispostos, de outros acervos esphericos e de estrellas nebulosas entremeadas de nebulosas irreductiveis. Estas ultimas parecem formadas por uma poeira estellar. O proprio telescopio de 20 pés não tem bastante poder para as revelar estrellas.

«Aquellas nebulosas produzem uma claridade geral que illumina o espaço da visão e estabelece um fundo esplendoroso em que se distingue tudo que n'elle está disseminado. Nenhuma outra região celeste junta tantas nebulosas e acervos estellares em igual espaço.

«A *nubecula minor* é menos formosa; oferece numero maior de nebulosidades irreductiveis, e os acervos estellares que se vêem são mais escassos e menos brilhantes.»

A. de Humboldt, falando d'estas nuvens, diz (2) das duas nuvens de Magalhães que giram em volta do polo austral, d'este polo tão despovoado de estrellas que podia chamar-se uma região devastada, a maior, principalmente, parece, conforme investigações modernas, uma quantiosa accumulção de acervos esphericos de estrellas de maior ou menor grandeza e de nebulosidades irreductiveis. O aspecto d'estas nuvens, a esplendorosa constellação do navio Argos, a via lactea que se vai dilatando entre o Scorpião, o Centauro, e o Cruzeiro tambem, não tenho duvida em diz-lo, o aspecto pittoresco de todo o céo austral produziu em minha alma uma inolvidavel impressão.»

André Corsali fala da existencia d'estas nuvens, na sua *Viagem a Cochim*, e Pedro Martyr de Anghiera tambem, no seu livro *De Rebus Oceanicis et Orbe Novo*; o illustre secretario de D. Fernando de Aragão attribuindo aos portuguezes o descobrimento d'estas nuvens diz: *Assecuti sunt portugalenses alterius poli gradum quinquagesimum amplius ubi punctum circumeuntes quas dam nubeculas licet intueri veluti in lactea via sparsos fulgores per universi coeli globum intra spatii latitudinem*. (3)

Ao nome de nuvens do cabo, por que as conheceram os pilotos portuguezes, primeiro que os hollandezes e dinamarquezes, prevaleceu o nome de Magalhães, com que a scien-

cia as designou, e n'isto vai honra á memoria do arrojado navegador portuguez que, não tendo a fortuna de receber em vida o premio do extraordinario descobrimento, teve a invejavel gloria de deixar o seu nome gravado nos mares e nos céos, como os deuses da Mythologia.

D'estes conta a fabula, mas d'aquelle fala a historia humana.

É bom accordar estas glorias que, sendo de um homem, são da humanidade em geral e d'este velho e glorioso paiz em especial, porque Fernão de Magalhães era portuguez.

CAETANO ALBERTO.

ALBUQUERQUE EM GOA

«Il ouvrit véritablement à l'Europe
ce monde mystérieux des Indes».

LOUIS VEUILLOT.

Vasco da Gama tinha demonstrado ao mundo com a alta eloquencia dos factos consummados que havia um caminho para a India, não sujeito á contingencia dos monopolios e aos riscos das caravanas.

Todavia, ter ido por mar do Tejo até Calecut, significava pouca cousa se apenas se limitasse a isso o empenho dos portuguezes.

No numero d'aquelles, cujas aspirações visavam obra mais solida e perduravel figura Affonso d'Albuquerque.

A sua estatura é de tal ordem, que só admite comparação com a dos vultos de celebrada proeminencia nas idades famosas.

Elle comprehendeu, n'um olhar de aguia, quanto era mister levar a effeito para honra da sua patria e em beneficio da sua religião.

A posição de Goa, impressionou-lhe os sentidos e determinou-o á sua posse.

Estava situada esta cidade na costa occidental do Indostão, na ilha do seu nome, no mar d'Oman e foz do Mandovy.

D'ella se diz no dictionario de Peuchet, que foi «la clef de tout le commerce de l'Orient, la première foire des Indes et une des plus fameuses et des plus opulentes villes du monde».

Goa foi tomada duas vezes pelo grande Albuquerque.

Vou pois dar um resumo do acontecido, e seguirei, transcrevendo algumas passagens, em um capítulo notavel do livro *Goa Antiga e Moderna* do meu particular e erudito amigo Diniz d'Ayalla, nascido na decantada possessão portugueza.

«A 10 de fevereiro de 1510, escreve o distincto litterato, parte Albuquerque de Cochim com o proposito de ir a Socotora e ali juntar-se a Duarte Lemos e depois irem ao mar Roxo ao encontro da armada do Soldão No porto de Mergeu lhe veio ao encontro Timoja persuadil-o a que desistisse do seu intento e aconselhal-o a que tomasse Goa, visto o Sabayo estar ausente da cidade e a população muito descontente com as tyrannias do capitão Melique Çufergugi. Aplanadas as divergencias de alguns capitães concertou-se partir para Goa: Melique Çufcondal, antigo capitão do Sabayo ao serviço de Timoja, iria com 2000 homens por terra e Albuquerque por mar. A chegada da gente de Timoja, o inimigo evacua a fortaleza de Cintacorá, que foi logo arrasada pelo nosso aliado, e a 28 de fevereiro surge a armada portugueza na barra de Goa.

A manhã raiou auspiciosa para as armas portuguezas.

D. Antonio de Noronha, Jeronymo Teixeira, Garcia de Sousa, Jorge da Silveira e Diogo Fernandez de Beja em fustas, e Timoja com os seus, sobem o Mandovy. A fortaleza de Pangim (hoje palacio do governador) defendida por Iassuf Gurji rompe o fogo. D. Antonio de Noronha, habil e valente capitão, vendo que as balas inimigas os não poderiam molestar se se acercassem da fortaleza, manda remar para a praia. Os marinheiros desembarcam e escalam a fortaleza pela banda do rio. O inimigo assombrado de tal arrojado, deixa D. Antonio victorioso e retira sobre a cidade.

Do outro lado de Pangim, proximo onde hoje está a igreja da Penha de França, havia um baluarte para onde foi mandado Timoja, que o achou evacuado.

(1) *Cosmos* T. I pag. 451.

(2) *Obra citada*.

(3) *Oceanicis*, Dec. III lib. I, pag. 217, por Pedro Martyr de Anghiera.

GUERRA HISPANO-AMERICANA



Igorrote antropophago



Tinguian de Nova Ecija



Tinguianes de Nova Ecija



Igorrotes antropophagos de Caraballo



Tinguianes do Abra

INDIGENAS DAS FILIPPINAS

Apesar de uma tão fraca resistencia, Albuquerque não quiz subir o rio sem mandar D. Antonio estudar a posição interior do inimigo. Desce então o Mandovy um parão com dois mouros, principaes da cidade, que vinham em nome do povo capitular e entrar em negociações de paz. Albuquerque exige a entrega dos turcos e vai juntar-se a D. Antonio defronte da cidade com o grosso

da armada. O inimigo oppõe difficuldades em infringir a lei da hospitalidade; Albuquerque recalcitra e ameaça os emissarios de tomar a cidade de Goa no dia seguinte. Garcia de Sousa e D. Jeronymo de Lima guardaram toda a noite a porta do mar; mas os mouros, capitaneados por Melique Çufegurgi, abandonam a cidade e fogem pelo Passo de Gandaulim.

Semelhante resolução, que os nossos não esperavam talvez, teve como coroa a entrada de Afonso d'Albuquerque n'aquella verdadeira joia cobigada, no primeiro ou no segundo dia do mez de março.

E d'esta maneira, concluiu um dos actos do drama cujo theatro era Goa.

O soberano de Goa, Haldcão, não pudera soc-

correr a sua cidade, por andar ao tempo em lucta aberta com o rei de Narsinga.

Logo porém, que chegou ao seu conhecimento a noticia do desastre, e que se viu mais desembaraçado, apressou-se em marchar contra os intrusos.

Estes consumiram em preparativos de defeza todo o resto de março e o abril seguinte.

No 1.º de maio as forças do Hidalção tinham posto bloqueio em parte da ilha. Desde esta data ate 16 d'agosto, pode quasi affirmar-se não ter findado um só dia sem que as violencias das hostilidades lhe assignallem o decurso. Não faltou bravura aos subordinados do *terribil*, nem a este escasseou o genio heroico e temerario; mas a superioridade invencivel do numero estava do lado dos contrarios e os portuguezes já não nutriam esperança de melhor sorte.

«Depois de varias outras peripecias, como a da morte de D. Antonio de Noronha n'um reconhecimento que foi fazer pelo rio; do assalto a uma ilha (de Chorão provavelmente) para se proverem de mantimentos, accrescenta Ayalla á narrativa dos horrores a que deu occasião o ataque do Hidalção, Albuquerque depois de tres mezes das mais cruéis provações, deixa o surgidouro de Goa a 16 d'agosto para em breve vir cumprir a promessa que tinha feito ao Hidalção — de vir retomar Goa».

Com effeito, logo em setembro, tendo reunido conselho entre os seus capitães, concertou irrevogavelmente o plano de não consentir embargos á sua palavra. Dias depois, sahio de Cochim á frente d'uma expedição, que se compunha de 23 velas, 2.000 portuguezes e 200 malabares.

Foi com tão diminuta força, que elle se propoz arrancar a anhelada presa das mãos dos seus poderosos senhores.

O dia 25 de novembro d'aquelle alludido anno de 1510, ficou memoravel nos fastos militares da India.

«Logo pela manhã cedo d'esse dia, diz-nos Ayalla, Albuquerque no *esquife* da nau capitanea, com 150 marinheiros escolhidos, que o seguiam



SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA — Vid. artigo
«Memorias Litterarias»

n'um *parão*, dispunha as hostes combatentes. Iam romper o combate tres flotilhas: Manuel da Cunha, Manuel Lacerda, D. João de Lima, D. Jeronymo de Lima, Gaspar de Páiva, Gaspar Cão, Fernão Fejo e Pero Dafonseca deviam atacar as estancias de ao pé da fortaleza; Diogo de Vas-

concellos, Balthazar da Silva, Diniz Cerniche, Pero Coresma, Ruy de Brito Pantalim e Jorge Nunes de Leão combatiam as estancias mais para baixo, onde estavam varadas as naus, e Albuquerque em pessoa, depois de ter mandado cortar pelo mestre Diniz Fernandes as tranqueiras que defendiam o forte de Mandovim, junto á alfandega, iria, no momento do ultimo assalto, occupar uma especie de plataforma ao centro da linha da operação, a fim de que o inimigo batido pelos flancos não podesse retirar para dentro da cidade».

O terreno foi disputado palmo a palmo com todo o ardor da peleja em paizes orientaes, e até mesmo com a vehemencia encarnicada que imprime o fanatismo religioso no caracter dos individuos.

Estrugiam os pelouros e as bombardas, vomitando chammas e espalhando a morte.

A gente do Hidalção invocava no seu delirio suprêmo ante a impotencia de repellir com vantagem segura os soldados d'Albuquerque, o auxilio do seu deus Allah. Jogavam comtudo uns e outros a ultima cartada. Se os defensores de Goa, insistiam pressurosos na conservação da sua propriedade, que o tempo consagrara, não desistia do intento o heroe portuguez, cuja firmeza intemerata e presença prestigiosa fazia redobrar de intensidade o valor e a constancia de quantos obedeciam ao seu commando.

Devem gravar-se na memoria das gerações portuguezas estas palavras dirigidas a Manuel de Lacerda por Affonso d'Albuquerque:

«Senhor Manuel de Lacerda, confesso-vos que vos hei grande inveja, e assi vo-la houvera o grande Alexandre, se aqui estivera, porque estais assi mais galante».

Fôra o caso que Lacerda, tendo feito pelo seu arrojo incômparavel decidir finalmente a fortuna a declarar-se em favor dos nossos, recebera não obstante ferimentos graves, e Albuquerque viralhe o rosto atravessado por uma seta.

Goa, pertencia-nos sem remissão nem agravo, a bandeira das quinas fluctuava ao sabor das bri-



